

CHILE

40 ANOS DO GOLPE



MAIS NA WEB

3D. Veja modelo do ataque ao Palácio de la Moneda
www.estadao.com.br/internacional

O Brasil de Allende

Chanceler de Médici disse a embaixador de **Pinochet** que 'não acreditava' nos relatos de **tortura**, enquanto exilados, como José Serra e Marco Aurélio Garcia, eram **caçados** nas ruas de Santiago. Mais de 80 brasileiros foram parar no **Estádio Nacional**. 'Brasil e Chile estão na **mesma trincheira**', garantiu o chefe do Itamaraty

Roberto Simon
ENVIADO ESPECIAL / SANTIAGO

Menos de dois meses após o golpe no Chile, o primeiro embaixador de Augusto Pinochet no Brasil, Hernan Cubillos Leiva, foi recebido no Itamaraty pelo chanceler Mário Gibson Barbosa para o que o diplomata chileno chamou de "uma entrevista transcendental". O Brasil havia ajudado os golpistas de Santiago e fora o primeiro país a reconhecer a junta militar. Agora, o governo de Emílio Garrastazu Médici prometia apoio total para conter a "campanha de intriga internacional contra o Chile".

O chanceler brasileiro confidenciou a Cubillos que estava sob pressão para se manifestar sobre os relatos de tortura no Chile, que começavam a tomar

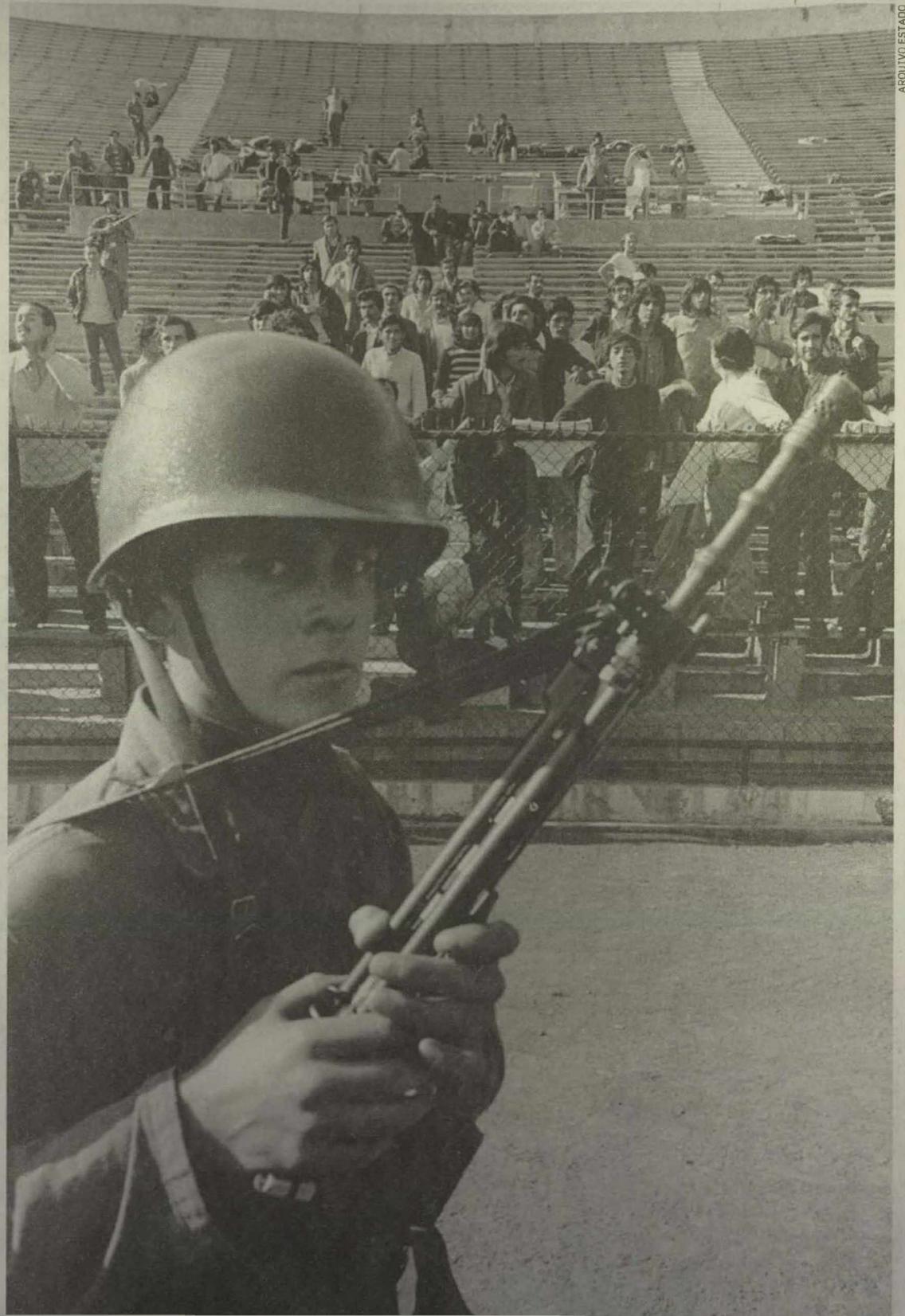
Diplomatas chilenos souberam antes de luta no Araguaia

● A embaixada do Chile teve informações antecipadas sobre os confrontos na região do Araguaia, em 1972, mostram documentos da diplomacia de Santiago obtidos pelo 'Estado'.

Meses antes de o assunto aparecer nos jornais brasileiros, que estavam sob censura, o cônsul no Rio escutou o relato de um padre e uma freira vinculados à Pastoral de Marabá. Segundo o diplomata, eles foram confundidos com guerrilheiros enquanto viajavam no Pará, e acabaram detidos e "duramente tratados".

exilados brasileiros que se envolveram na tentativa de construir o socialismo democrático no país sul-americano.

Várias figuras centrais da política brasileira da atualidade encontraram abrigo no Chile após o golpe de 1964. O Estado conversou com dois ex-exilados que, embora hoje estejam em campos opostos, viram-se no mesmo barco quando os golpistas triunfaram em Santiago: o ex-governador José Serra, do PSDB, que chegou a trabalhar no governo da Unidade Popular (UP), e o assessor do Planalto Marco Aurélio Garcia, do PT, que se tornou secretário de assuntos internacionais do Movimiento Izquierda Revolucionaria (MIR), uma das alas mais radicais da base de apoio da UP.



manchetes de jornais mundo afora. “Eu não acredito nessas denúncias”, adiantou, comparando-as à “campanha do comunismo internacional (...) após a revolução de 1964 no Brasil”. “Vejo toda essa experiência (no Chile) e a que viveu o Brasil e, por isso, posso lhe dizer que simpatizamos totalmente com vocês. Chile e Brasil estão na mesma trincheira”, garantiu.

Enquanto o chanceler do Brasil louvava o golpe chileno e desprezava as denúncias de repressão em massa, agentes da ditadura brasileira desembarcavam em Santiago para prestar “consultoria” aos primeiros torturadores de Pinochet. Milhares de opositores, incluindo cidadãos brasileiros, sofreram no Chile torturas “importadas” do Brasil, as quais mantiveram nomes como “pau de arara” e “submarino”.

O relato completo da conversa entre Gibson Barbosa e Cubillos, classificado como “estritamente secreto”, faz parte de um arquivo da chancelaria chilena ao qual o **Estado** teve acesso. No domingo, o jornal mostrou o “Chile de Pinochet”: o apoio

“A guerrilha estava escondida entre as estradas Belém-Brasília e Transamazônica. Trata-se de elementos do PCdoB, segundo relatos de camponeses de Xambioá”, escreveu o cônsul Raúl Elgueta, em julho de 1972. / R.S.

MILITÂNCIA



José Serra
ex-governador

“Em 1972, já dava para ver que (o governo Allende) tinha naufragado. Havia um cenário de caos econômico”



Marco A. Garcia
Assessor especial do Planalto

“Antes de partir ao Chile (de Pinochet), me disseram: ‘Quem entrou não saiu mais’. Eu fui”

do governo Médici à conspiração que este mês completa 40 anos. Mas também havia no Chile um “Brasil de Salvador Allende”, formado por cerca de 5 mil

Fugas. Logo após o golpe de 11 de setembro, enquanto exilados brasileiros eram caçados nas ruas, Serra e Paulo Renato Souza – que décadas depois se tornaria ministro da Educação de Fernando Henrique Cardoso – auxiliaram Marco Aurélio a encontrar abrigo na embaixada do Panamá. “Foi uma atitude muito decente do Serra”, reconhece hoje o assessor do Planalto.

Com o pequeno apartamento onde funcionava o escritório panamenho abarrotado de refugiados, muitos deles do Brasil, o embaixador decidiu incorporar à missão a casa do intelectual brasileiro Theotonio dos Santos, estendendo a ela a imunidade diplomática. “Assim, era possível salvar mais gente”, relembra Serra, que encontrou abrigo na embaixada italiana.

O ex-governador dava aulas de história do pensamento econômico e trabalhava na Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (Cepal), das Nações Unidas. Em 1972, substituiu a economista Maria da Conceição Tavares em um posto de consultoria técnica do governo



Estádio Nacional. Brasileiros no centro de repressão foram ajudados pela Cruz Vermelha



Exílio. Santos com jornal editado por brasileiros

Allende. “Naquele momento, já dava para ver que a coisa tinha naufragado. Havia um cenário de completo caos econômico.”

No Chile, Marco Aurélio le-

cionou e, na universidade, entrou no MIR, chegando ao comitê político do grupo. “Passei por um processo de ‘desbrasilização’ e mergulhei na realidade chilena.” Um dos primeiros do grupo a chegar na Europa após o golpe, ele ficou encarregado de organizar o MIR no exterior. Entre 1975 e 1976, levou US\$120 mil em uma mala com fundo falso de Paris a Santiago, usando um passaporte falso e de barba raspada. “Antes de partir, me falaram: ‘Ninguém que entrou lá (no Chile) saiu vivo’. Eu fui.”

Serra chegou a passar uma noite no Estádio Nacional, mas – “talvez por milagre”, diz – foi liberado. Dezenas de brasileiros não tiveram a mesma sorte. O arquiteto Nilton Bahlis dos Santos passou 45 dias na arena onde

Garrincha conquistara a Copa de 1962, convertida em campo da barbárie. “Sabíamos que havia brasileiros ajudando torturadores. Nós fomos fichados e, depois, eles vieram. Passavam informações aos interrogadores. Tinha um que até assobiava músicas brasileiras.” Segundo Manuel Contreras, ex-chefe da espionagem de Pinochet, 80 brasileiros passaram pelo Estádio Nacional. Após dias de confinamento, um grupo de brasileiros conseguiu acionar o consulado, mas os exilados foram ignorados pelo Itamaraty. Coube à Cruz Vermelha ajudá-los.

Os elos do grupo fascista Patria y Libertad com o Brasil
Leia mais amanhã

ENTREVISTA

Andrés Pascal Allende, ex-secretário-geral do Movimiento Izquierda Revolucionaria (MIR)

‘Ditadura brasileira nos fez o favor de enviar companheiros’

Golpe de 1964 no Brasil já indicava que plano de Allende era impraticável, afirma ex-líder de grupo revolucionário chileno

SANTIAGO

Sobrinho de Salvador Allende, Andrés Pascal Allende diz que a ditadura brasileira deu duas grandes contribuições ao Movimiento Izquierda Revolucionaria (MIR), do qual foi secretário-geral. Primeiro, o Brasil despejou exilados no Chile, alguns dos quais passaram a integrar o MIR. Segundo, o golpe de 1964 mostrou à cúpula da organização que o sonho de Allende de construir o socialismo por meio das instituições democráticas – “com empana-

das e vinhos”, como se dizia à época – era impraticável. “Lamentavelmente, estávamos certos”, afirma Pascal, passados 40 anos do golpe.

● **Como o golpe de 1964 no Brasil afetou a esquerda chilena?**

A ditadura brasileira nos fez um grande favor: mandou ao Chile ótimos companheiros, muitos dos quais se incorporaram ao MIR. Foi o caso de Marco Aurélio Garcia (hoje assessor especial do Palácio do Planalto), os irmãos Éder e Emir Sader (sociólogos), além de Theotonio dos Santos (economista), que embora não tenha sido exatamente do MIR, era muito próximo a nós, e nosso grande mestre Ruy Mauro Marini (sociólogo). Eles nos deram uma contribuição inestimável.

● **E como funcionou, na prática, essa colaboração?**

Exilados brasileiros de diversos grupos chegaram ao Chile a partir de 1964 e aqui se vincularam com o processo político que nós vivíamos. Grande parte desses brasileiros era de intelectuais, que passaram a trabalhar em universidades. Nesse contexto, vincularam-se a estudantes e colegas muito radicalizados, como era nossa geração, no Chile. Um número importante veio para o MIR.

● **E havia algum grupo brasileiro especialmente vincula-**

da a vocês?

No Uruguai, tínhamos os Tupamaros e, na Argentina, o PRT (Partido Revolucionário dos Trabalhadores). Mas no Brasil, nessa época, não tínhamos um ‘sócio’ porque os grupos revolucionários já estavam muito enfraquecidos.

● **O MIR nunca acreditou realmente na possibilidade de construir o socialismo por meio da democracia, não é verdade?**

A democra-

cia não é apenas a liberal – ou “burguesa”, como se dizia na época. Acreditávamos em outras formas de democracia. O MIR teve, sem dúvida, uma forte influência da Revolução Cubana. Mas não tínhamos uma visão “guerrilherista” ou “foquista” da luta. Víamos o caso chileno como algo diferente.

● **Mas havia diferenças importantes com Allende, não?**

Nós, do MIR, tínhamos um programa parecido com o da Unidade Popular e laços muito fortes principalmente com o Partido Socialista. Assim, o MIR iniciou uma espécie de “dupla militância”: minha mãe, por exemplo, era deputada socialista (Laura Allende Gossens) e trabalhava também conosco. Vários outros parlamentares fa-

ziam o mesmo. O MIR, porém, nunca acreditou muito na democracia liberal, na ideia de que era possível produzir uma mudança profunda no Chile apenas pela via institucional. Tínhamos uma concepção, digamos, político-militar, embora nunca tenhamos feito uma guerrilha. O modus operandi eram as mobilizações de massa, milícias e ações armadas de propaganda, além de roubos a banco para financiar o movimento social. Mas éramos muito ligados a Allende – seus seguranças, por exemplo, eram todos do MIR. Mas discordávamos do presidente, que dizia ser possível produzir a mudança que esperávamos dentro da institucionalidade vigente. Lamentavelmente, não nos equivocamos ao pensar que haveria um golpe militar contra ele, até mesmo porque víamos o que estava ocorrendo em outros países do Cone Sul, a começar pelo Brasil. / R.S.



ROBERTO SIMÓN, ESTACAO